

A presente pesquisa procurou analisar em que medida a questão do gênero - juntamente com categorias de classe social e etnia - orienta, e mesmo determina, a construção do sujeito “empregada doméstica”. Para tanto foram entrevistadas cinco mulheres que já trabalharam ou ainda trabalham como empregadas domésticas em casas de família. Três entrevistas semi-estruturadas foram realizadas no Sindicato das Empregadas Domésticas de Porto Alegre e duas em uma agência de empregos desta mesma cidade. Todas as entrevistas foram gravadas e transcritas na íntegra, passando, posteriormente, por uma análise qualitativa. Evidenciou-se o fato das empregadas domésticas serem oriundas de famílias numerosas, de classe social baixa e de várias etnias distintas. O grau de escolaridade das entrevistadas era bastante reduzido e a frequência de empregos não legalizados (sem carteira assinada e sem acesso a benefícios) elevada. Por suas atividades serem inseridas na esfera do mundo privado, e não na do mundo público, onde, por excelência, ocorrem as relações de produção, as empregadas domésticas parecem tornar-se socialmente “invisíveis”. A relação de maior intimidade que as empregadas mantêm com as famílias ocasiona, ainda, um tipo de exploração menos percebido em outras relações de trabalho: a exploração psicológica. O trabalho doméstico, executado essencialmente por mulheres socialmente desfavorecidas, funciona, assim, como um objeto exemplar para o estudo das diferenças e divisões existentes no interior das próprias categorias sociais. Parece fundamental, neste sentido, incentivar as análises que realizem uma alquimia das categorias sociais, não ficando restritas a idéias globalizantes que já não mais comportam a pluralidade de nossa realidade social.